

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -UNB
INSTITUTO DE HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

TEMPO - DISTENSÃO DA ALMA HUMANA
UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O TEMPO EM AGOSTINHO DE HIPONA.

Orlando Marçal Junior - matrícula: 89/35513

Dissertação apresentada como requisito mínimo da disciplina Dissertação Filosófica II, à banca examinadora do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília.

Orientadores:

Prof. Dr. Wilton Barroso e Prof. Dr. Jordino Marques.

Brasília, DF, 1995

INTRODUÇÃO

“Sendo vossa a eternidade, ignorais porventura, Senhor, o que eu vos digo, ou não vedes no tempo o que se passa no tempo?”¹

Muitos são os assuntos que empolgam o homem no decorrer de sua existência. Não poucos foram também os debates que conduziram mentes brilhantes a uma busca pela elucidação do conceito da vida. Mas esta vida consiste e existe em um espaço temporal contínuo, onde o vivenciar novas experiências produz no homem a percepção do movimento.

No decorrer destas páginas, veremos como um homem apaixonado pela existência e vinculado à beatitude, crendo na felicidade e buscando pela própria percepção e interioridade do ser conhecer-se e ao mundo, definirá o Tempo.

Calçar os sapatos de Agostinho, obtendo assim sua ótica sobre tal assunto é deixar-se levar por uma viagem pelo intimismo e pela interioridade. O homem no tempo não é visto como uma máquina ou um objeto a ser analisado, mas uma pessoa envolvida consigo mesma.

Nossa busca seguirá um caminho contínuo, onde cada tópico buscará no anterior alicerces para sua construção. Da existência do eterno galgaremos o caminho do tempo, até que o descobramos no mais íntimo do homem. Da convicção da existência de um

¹ Confissões I,1.

tempo que passa, chegaremos à dúvida angustiante da impossibilidade da existência da história e da profecia, até que possamos nos aconchegar naquilo que de fato existe.

1. A Eternidade - berçário do tempo

1.1 Deus é eterno

A intenção de Agostinho, ao iniciar a exposição sobre o tempo pelo conceito de eternidade, parece ter o propósito de criar um lastro que funcionaria como apoio ao seu conceito de Tempo.

Todo o seu pensamento e sua estrutura lógica gira em torno da convicção de que Deus criou o mundo para que este, o mundo, se realizasse nEle, Deus. Deus é o princípio de tudo, firmava-se Agostinho nas declarações do Evangelho de João.

“No princípio era o verbo, e o verbo era Deus”²

Sendo assim, a compreensão do mundo deve partir da compreensão do Criador e a compreensão do criador deverá partir da interioridade do homem. Isso parece íntimo em Agostinho. O homem, na busca de uma intimidade maior consigo mesmo, se defrontará com o seu criador e nEle se encontrará.

1.1.1 Essência Divina -

Todas as coisas foram criadas por Deus e para Ele. Em Deus não pode e não há nenhuma imperfeição ou movimento. Todo o seu Ser é, numa realização plena e completa. Em Deus não há devir, apenas ser. A eternidade é definida como sua propriedade, de um ser infinito, cuja realização é simultânea.³ Agostinho diz:

“Precedeis, porém, todo o passado, alteando-vos sobre ele com a vossa eternidade sempre presente.”⁴

² João 1:1

³ Confissões xi, 1

⁴ Ibidem xi, 16

Uma vez convencidos de que Deus é eterno, cabe-nos compreender mais sobre isso. O que é eternidade? Como Deus é eterno?

Agostinho declara que a eternidade não é o tempo dilatado ou esticado, mas a simultaneidade de todas as coisas.

*“Nunca se acaba o que estava sendo pronunciado, nem se diz outra coisa para dar lugar a que tudo se possa dizer, mas tudo se diz simultaneamente e eternamente, se assim não fosse já haveria tempo e mudança e não verdadeira eternidade e verdadeira imortalidade”.*⁵

Iniciando sua definição ele deixa claro que eterno é aquilo que não se sujeita a mudanças, onde tudo é simultâneo. Nenhum ser finito poderia se enquadrar nesta situação. Deus e somente Deus é eterno, pois a eternidade pertence à sua essência. Sendo assim, o tempo nunca poderia medir a eternidade.

1.1.2 A vontade Eterna -

Mas falar de eternidade como ser simultaneamente todo e inteiro nos traz um problema: se Deus é Eterno, então a ele nada poderá se acrescentar nunca, pois se isso ocorrer não existirá a eternidade. Sendo assim só existiria a eternidade, nada além dela, pois qualquer ato de criação significaria uma mudança na divindade, o que seria impossível na eternidade. Se existiu em Deus um novo movimento, uma vontade nova para dar o ser à criatura que antes nunca criara, como pode haver verdadeira eternidade, se nEle aparece uma vontade que antes não existia? Para salvar a existência da eternidade, Agostinho propõe uma solução.

*“A vontade de Deus não é uma criatura. Está antes de toda criatura, pois não seria criado se antes não existisse a vontade do criador. Essa vontade pertence à própria substância de Deus. Se alguma coisa surgisse na substância de Deus que antes lá não estivesse, não podíamos com verdade, chamar a esta substância eterna. Mas se desde toda eternidade é vontade de Deus que existam criaturas, por que razão não são as criaturas eternas?”*⁶

⁵ Confissões xi,9

⁶ Confissões xi,12

A criação não foi **ab aeterno**.⁷ Deus criou livremente por um ato de vontade. A vontade de Deus não é sua criatura, mas sua essência. Toda vontade divina é eterna, no sentido em que repousa na eternidade. Não é falso dizermos que todos os atos de Deus são eternos, visto que o ser divino não existe na sucessão dos momentos. A vontade é um ato interno do ser divino e, portanto eterno no sentido mais estrito da palavra. Sendo assim, também participa da simultaneidade e da falta de correlatividade do eterno. A eternidade da vontade implica em que a ordem que os diferentes elementos dela guardam reciprocamente não deve ser considerada como temporal, mas apenas como lógica. As idéias das coisas existem na Inteligência divina desde toda eternidade. E estas idéias estão em uma ordem lógica, e não temporal.

Mas um novo problema poderia ser colocado: Se todas as coisas foram criadas por Deus, e a vontade de criar tais coisas é eterna, não seria nesse sentido eterna a criação? Não. Isso não faz com que a criatura compartilhe com Deus sua eternidade, porque as criaturas que Deus quer produzir só aparecem no momento designado pela sua vontade. A vontade divina não é a existência das coisas, mas sim a vontade de que elas existam. Apenas quando foram criadas é que vieram à existência. Não preexistiam à criação, mas “são” eternamente desejadas.

1.1.3 A medida da eternidade -

Deus é Eterno. Sua eternidade é uma simultaneidade do ser que em sua infinitude é isento de mudança, por menor que seja. Mas como poderíamos definir melhor a eternidade? A que poderíamos compará-la? Com que poderíamos medi-la?

Uma concepção do senso comum sobre a medida da eternidade parece ser motivo de preocupação para Agostinho. Não são poucos os que declaram que a eternidade seria um devir constante, onde não haveria o cessar da vida. Sendo assim, a

⁷ De Gênesi contra Manichaeos Cap.2

eternidade seria um tempo lançado ao infinito, conjugado com a imortalidade. Ser eterno não seria ser atemporal, mas infinitamente temporal.

Todavia Agostinho entende que isso é um absurdo, pois essa eternidade continuaria sendo tempo, pouco distinguindo criatura de criador.

Escrevendo sobre esse tema, ele declara:

“Quem afirmava tais coisas, oh Sabedoria de Deus, Luz das inteligências, ainda não compreendeu como se realiza o que é feito por Vós e em Vós. Esforça-se por saborear as coisas eternas, mas o seu pensamento ainda volita através das idéias da sucessão dos tempos passados e futuros, e por isso tudo o que excogita é vão.

“A esse, que o poderá prender e fixar, para que pare um momento e arrebate um pouco do esplendor da eternidade perpetuamente imutável, para que veja como a eternidade é incomparável, se a confronta com o tempo, que nunca para? Compreenderá então que a duração do tempo não será longa, se não se compuser de muitos movimentos passageiros. Ora, esses não podem alongar-se simultaneamente.”⁸

Assim pensavam os gregos ao usarem *αιων* para expressar eternidade como uma duração infinita de tempo. No entanto, a eternidade não pode ser comparada ao tempo, pois se tempo é movimento, na eternidade não há movimento.

Uma outra questão é posta dentro deste tema; um novo problema é levantado: se Deus criou o mundo e é errado dizer que algo, fora Deus, existia antes da criação, então o que fazia Deus antes da criação? Perguntar isso consiste para Agostinho um absurdo, pois não existia antes, só eternidade. Por isso, podemos definir eternidade como não sendo um tempo dilatado, mas um eterno presente.⁹

Medir a eternidade é uma tarefa impossível, pois nela nada passa, tudo é presente. Tudo é um presente contínuo, sem que dentro desse presente ocorra um antes ou um depois. As percepções que são aferidas pela nossa sensação não ocorrem na eternidade, onde Deus contempla tudo num presente. Tentar medir a eternidade é temporalizá-la.

⁸ Confissões xi, 13

⁹ Ibidem

1.2 Deus é o criador de todas as coisas

O mundo teve origem na criação. Essa é uma premissa inicial nas elucubrações agostinianas ¹⁰. Todos os seres - presentes, passados e futuros- estão representados nas idéias divinas. Mas, como passam os seres da possibilidade à existência, de sua realidade como idéias na mente divina à sua realidade como seres de Deus? Santo Agostinho responde a esta pergunta por meio da criação. Deus é o Sol do mundo inteligível, a Luz incriada da qual se derivam as coisas à maneira de luzes criadas e participadas.¹¹ Fraile, ao comentar este assunto, argumenta que para Agostinho Deus não criou o mundo no tempo, mas com o tempo. O tempo começou exatamente no instante em que o mundo começou a ser. Se assim é, quando se deu a criação? Na eternidade ou no tempo? Outro problema ainda é posto: se Deus é Eterno e logicamente vive na eternidade, Ele ignora o que ocorre no tempo.

“Sendo vossa a eternidade, ignorais porventura, Senhor, o que eu vos digo ou não vedes no tempo o que se passa no tempo”¹²

A preocupação de Agostinho refere-se ao fato de Deus, sendo Eterno - e por isso admite claramente que a eternidade compete a Deus- e o Criador do mundo, por certo o mundo foi criado na eternidade e o próprio tempo - a quem o mundo pertence - teve início na eternidade, respondendo assim à primeira questão - compreender ou não o que ocorre no tempo.

Prosseguindo nesse caminho Agostinho inicia no Capítulo Três uma análise das Escrituras.

“No Princípio criou Deus o céu e a terra”¹³

¹⁰ Confissões xi, 5

¹¹ Fraile, G. História de la Filosofia p.214

¹² Ob. Cit. xi, 1

¹³ Gênesis 1:1

Se Deus criou o céu e a terra, por certo aquilo que foi criado proclama pelo seu próprio ser sua criação, pois ser criado é uma propriedade da criação. Isso ainda é evidenciado pelo fato de serem sujeitos a mudanças:

“Existem, pois o céu e a terra. Em voz alta dizem-nos que foram criados, porque estão sujeitos a mudanças e vicissitudes. Ainda mesmo o que não foi criado e, todavia existe nada tem em si que antes não existisse.”¹⁴

Sendo assim, tudo o que foi criado e o que desta criação veio a originar-se, está sujeito ao tempo, pois foi criado e é passível de mudança. Existimos porque fomos criados, portanto não existíamos antes de existir, para que nos pudéssemos criar.¹⁵ Sendo assim, houve um tempo em que nada existia. Há, portanto, uma diferença abismal entre o Criador, cujo Ser repousa imutavelmente na eternidade, e a Criação, sujeita às mudanças ocorridas no tempo.

Ainda com os olhos em Gênesis, em especial na palavra “criar”, argumenta que toda a criação foi feita do nada, e o que depois veio a existir, ocorreu por evolução. Tudo foi criado no Princípio. Sendo assim, é incabível perguntar sobre o que Deus fazia antes de criar o tempo e o espaço, pois não se pode falar em “antes da criação”, visto que nela é que o tempo veio a existir. Para que o tempo existisse, seria necessário que houvesse alguém com condições de gerá-lo e que, em hipótese alguma, poderia estar no tempo, mas precedê-lo. Por isso, declara que o tempo e o espaço foram criados pela Palavra de Deus, que não poderá ser temporal.

É exatamente neste ponto que Agostinho, para explicar o tempo, define a eternidade, pois para ele, o tempo nada mais é que um vestígio da eternidade.

1.3 Toda criação é sujeita ao tempo

Após reconhecermos que o mundo foi criado por um Ser Superior, por Deus, e que esta criação engloba o ser humano, cuja interioridade evoca seu vínculo com o

¹⁴ Confissões, xi,6

¹⁵ Ibid xi,6

Criador, precisamos ainda questionar se haveria algum ser externo ao tempo. Agostinho diz que não. Todos os seres criados foram formados como seres temporais. No ato da criação iniciou-se o movimento. Não há ser criado que não se movimente, que não seja finito, que possa ser todo simultaneamente.

“Vós sois, antes de todos os tempos, o eterno Criador de todos os tempos. Estes não podem ser coeternos convosco, nem nenhuma das outras criaturas, ainda que haja algumas que preexistem ao tempo.”¹⁶

Todas as coisas foram criadas por Deus, inclusive o homem, e nada do que hoje existe poderia, em hipótese alguma, ter existido antes da criação. Só Deus não foi criado, mas a tudo criou. Mesmo as coisas que depois da criação, por geração, vieram a existir, estavam contidas na criação original como sementes racionais, que no determinado tempo viriam à realidade.

1.4 O tempo é interior ao homem

O tempo, criatura temporal de Deus, está próximo da alma do homem, da interioridade.

Agostinho inicia sua pesquisa sobre o tempo em uma perspectiva fenomenológica, desvelando o que está encoberto, iniciando pela dimensão pré-filosófica da vida diária,¹⁷ e se encaminhando na interiorização do homem.

A compreensão dos conceitos agostinianos de tempo pairará sobre o seu conceito de humano. Para alguns, Agostinho era o descobridor do homem, não só pela importância que a este dispensou, mas também pelo estilo de sondagem das profundidades humanas. A descoberta do homem ultrapassa este no movimento do seu próprio processo, guiando-lhe à transcendência. Sendo assim, analogamente ao conceito de tempo, deveremos também contemplar o conceito de homem em Agostinho.

¹⁶ Confissões XI, 40.

¹⁷ Agostinho e a Fenomenologia, p.2

O enfrentamento da pessoa humana, dramática, pessoalmente sentida e intensificada pelo cristianismo, levou Agostinho a questionar a antropologia antiga e a cultura romana, petrificadas no seu conformismo de época terminal. Esta exterioridade alienante é substituída pela atividade interior, marcando assim um horizonte definitivo da antropologia ocidental.

O dualismo corpo-espírito é por vezes vivamente acentuado, constituindo uma realidade nova, que a terminologia platônica disfarça. Não obstante as angustiantes divisões psicológicas, a exhibir um mundo de contradições, o homem é para Agostinho um Ser Uno. Não se pode conceber a humanidade sem ter em mente que esse Ser, em toda a sua multiforme exterioridade e complexidade, consiste em apenas um Ser, dotado de harmonia e sincronia. O homem, por ser criatura criada à imagem e semelhança de Deus, em seu ser harmônico é Uno. Mesmo o advento do pecado, cuja conseqüência foi a corrupção de toda a humanidade, é extinto em seus frutos mais paradoxais na Graça de Deus.

Por sua vez, a divisão temática da alma, ratificada pelo modelo trinitariano, procura antes promover o dinamismo do homem, que estabelecer divisões insuperáveis. No jogo dinâmico das faculdades, em contraste com a antropologia antiga, predominantemente intelectualista, a vontade sobrepõe-se à inteligência.¹⁸ Sendo a natureza da memória profundamente alterada, em que avulta a superação da reminiscência platônica, conferindo-lhe uma dimensão viva, comunitária e cultural, estabelece também a articulação entre história e eternidade. Enquanto a eternidade é dita um atributo divino, a história é privilégio humano, cujo desenho é apresentado pelo ser e pelo dever, que a cada instante se realiza em ser - um constante vir a ser. Mas tal realização, mais que externa, é algo interno, íntimo e entranhado no ser.

Estamos assim perante um novo homem psicológico, mas também ético, informado e unificado pela dinâmica do amor. O homem, em Agostinho, não pode mais ser

¹⁸ A Cidade de Deus, 14, 6 .

visto como um ser cuja exterioridade o determina, e nem como um ser protocolar ou formal. O homem é um ser cuja alma sente, vive e delimita o ser.

Fazer distinção entre a questão do homem e a de Deus em Agostinho é coisa difícil. O homem foi criado a sua imagem e semelhança, recebendo dEle seu espírito. Para que o homem descubra Deus, deverá buscá-lo na sua mais íntima interioridade. Deus não pode ser encontrado fora do homem, mas no homem, pois sua comunhão é completa. Deus é encontrado no homem. Do mesmo modo, se o homem deseja encontrar-se, não será em seu exterior que o fará. A busca do humano deve ser a partir da sua própria interioridade. Para atingir tanto o homem quanto a Deus, o caminho é o mesmo: a interioridade, onde o homem, ao descobrir-se a si próprio, encontra irrecusavelmente Deus.

Mas esta intimidade incrível entre Deus e o homem não exclui a existência exterior a este relacionamento. A interioridade do homem exige também a interiorização de um cosmo externo a ele. Nesse relacionamento entre Deus e o homem, o mundo não emerge irrecusavelmente no ritmo do percurso para a interioridade e transcendência, pois só o homem e Deus seriam irrecusáveis. Mas em um sentido fenomenológico ou até mesmo ontológico o mundo é irrecusável. E por isso a sua origem foi um problema pelo qual Agostinho se interessou desde o início de sua atividade filosófica. Para ele, antes de sua Conversão, o mundo era uma emanção de Deus, fragmento Seu; concordando com Plotino , onde através de sua obra Enéadas , divulga que o mundo é uma emanção divina, procedendo de Deus, sem que Ele o saiba. Porém, depois de sua conversão, afirmava que o mundo foi criado por Deus mediante uma ação consciente e livre. Deus criou o mundo do nada, segundo as idéias - arquetípicas que se encontram no Logos, o Filho de Deus. O homem, em sua busca pelo divino, se defronta com Sua criação. E nesse confronto se vê como espectador da criação , ao mesmo tempo em que se percebe como Ser criado. Compreender-se significa também compreender seu mundo.

*“Vós, no princípio que procede de vós, e na sabedoria que procede da vossa substância, criaste alguma coisa do nada. Criaste sim o céu e a terra, sem o tirardes de vós. Doutro modo seriam iguais a vosso Filho Unigênito, e por isso mesmo, iguais também a Vós. Ora, de modo algum seria justo que fosse igual a Vós o que não é da vossa substância. Nada havia fora de Vós, com que os pudésseis criar, Ó Trindade Una e Unidade Trina; do nada, pois fizeste o céu e a terra, àquele, grande, e a esta, pequena, pois sois Onipotente e Bom para criardes tudo bom: um céu grande e uma terra pequena. Só Vós existíeis, e nada mais. Deste nada fizestes o céu e a terra, duas coisas: uma perto de vós, outra perto do nada, uma que só a Vós tem como Superior, outra que nada tem inferior a ela”.*¹⁹

1.5 O tempo é essencialmente humano

Para compreendermos como o tempo está ligado ao humano, deveremos antes nos lembrar da visão de Agostinho sobre o homem - sua antropologia. O seu conceito de tempo está intrinsecamente ligado ao modo como ele vislumbra a criatura, um Ser limitado, finito e corrompido. Este Ser nunca poderia ser na eternidade, mas apenas no tempo, pois juntamente com ele foi criado. O ser criado existe no tempo, vivendo na mudança, na variação e no movimento; e todo o movimento ocorre no tempo.

*“Existem, pois o céu e a terra. Em voz alta dizem-nos que foram criados, porque estão sujeitos a mudanças e vicissitudes.”*²⁰

Há coisas que foram criadas, por isso existem no tempo, mas também há coisas que mudam e variam, que não foram criadas, porém ainda assim existem no tempo. Tal coisa advém da criação primária e estavam nela contidas no início, como sementes.

*“Mas o que não foi criado, e, contudo existe, nada pode conter, que antes já não existisse no tempo.”*²¹

Não há nada de novo após a criação. Agostinho parece se apegar ao sentido hebraico da palavra *Bereshith* que significa a criação do nada, de matéria inexistente. Tudo o que existe, ou foi criado ou adveio de algo criado, mas nunca se criou por si. Se o

¹⁹ Confissões XII, 7

²⁰ Ibidem xi, 6

²¹ Confissões xi, 6

Criador do mundo é também o criador do tempo, não podendo logicamente estar no tempo, pois se assim fosse, o tempo seria eterno e não passaria, como seria o tempo da criatura? O tempo é, portanto uma propriedade da criatura, sendo uma característica dos seres finitos, cujo ser não pode ser todo ao mesmo tempo, limitando-se ao passar da história. Após compreender a natureza da eternidade, será então fácil percebermos porque a criatura não pode ser eterna. Portanto, se aquilo que foi criado está sob o tempo e não sob a eternidade, tudo o que existe, exceto Deus está sob o tempo ou no tempo.

O homem permanece em um devir contínuo, sujeito às modificações da imperfeição. Sendo uma criatura finita, limita-se ao mundo finito. O seu ser não pode ser todo simultaneamente, tendo necessidade, por isso, de uma existência sucessiva e contínua.

2. Tempo - a seqüencialização do ser

2.1 Ser do tempo

O que é o tempo? Seriam presente, passado e futuro divisões do tempo? Ou apenas ilusão psicológica?

Respostas a esta pergunta surgem de pensadores com Platão e Aristóteles. Porém Agostinho discorda destas teorias. Para ele o tempo não é a imagem móvel da eternidade, como afirmava Platão, nem a medida do movimento, como afirmava Aristóteles. Ao falar sobre este tema, declara que o tempo não é movimento dos corpos:

“Se alguém me disser que o tempo é o movimento do corpo, mandar-me-eis estar de acordo? Não mandareis. Ouço dizer que os corpos só se podem mover no tempo. Vós mesmos o afirmais. Mas não ouço dizer que o tempo é esse movimento dos corpos. Não o dizeis...Portanto, o tempo não é o movimento dos corpos.”²²

O tempo não é o movimento dos corpos, mas este se dá no tempo. A medida do tempo só pode ser compreendida como uma tematização da percepção do corpo que se movimentará. Minha percepção não pode entender o começo e o fim de uma extensão do tempo, mas só um pedaço dele. A extensão do tempo está relacionada à percepção do tempo que passa e do passar do corpo em movimento. Se determinarmos de onde e para onde há o movimento, então podemos dizer em quanto tempo o corpo se movimentou de um lugar para outro. O movimento de um corpo é diferente daquilo com que nós o medimos. O movimento não é o tempo, mas o tempo é aquilo com que nós medimos quão longo o movimento é, quando ele dura. Medimos a duração do tempo com uma medida que é tirada do próprio tempo.

Que o tempo não é movimento, pode ser demonstrado pelo fato de que também medimos o repouso de um corpo em sua duração.²³

O tempo não pode ser apenas uma sucessão de instantes separados, mas um contínuo, e como tal, indivisível. Para ser estudado não pode ser dividido em antes e

²² Confissões xi, 24

²³ Notas, p.14

depois, mas considerar sua síntese de continuidade. A característica do presente, de passar e de vir a ser, o distingue da eternidade. O tempo é um *nunc transiens*, isto é, um agora que passa. A eternidade é um presente que não passa, um *nunc stans*, um agora permanente.

" Na eternidade, ao contrário, nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente"...²⁴

Em sua Concepção o mundo é criação de Deus , tendo sido criado não antes e nem depois do tempo, mas com o tempo. Somos forçados a admitir que o tempo possui as mesmas limitações do mundo . Sendo o tempo o modo de ser característico da natureza finita - pois a duração de uma natureza finita, não pode ser toda simultaneamente, tendo por isso necessidade de fases sucessivas e contínuas para realizar-se completamente - segue-se que o mundo teve origem com o tempo e não na eternidade, devido à limitação imposta pela finitude do homem.

Em suas observações sobre o tempo, Agostinho declara que o tempo não existe fora de nós. Não existem fora de nós, nem passado e nem futuro. Deve-se concluir disso que passado e futuro não existem de modo algum? Se o passado não existisse a história não existiria; se não existisse o futuro, seria impossível qualquer previsão.²⁵

2.1.1 O Ser do passado e do futuro

Se tempo é a duração de um ser finito que não pode ser simultaneamente, e se este tempo é sentido pelo espírito do homem como um tempo passado, um tempo futuro e um tempo presente, permanece ainda a pergunta: haveria três tempos ou um só? Passado e futuro pertencem ao ser ou ao não ser? Pertencem-se ao não ser, o que faríamos com a história e com as previsões?

É necessário, por isso, dar do passado e do futuro uma explicação que salvasse a sua existência. Fora da mente não existe nem futuro e nem passado, e deve-se

²⁴ Confissões XI, 13

²⁵ Ibidem xi, 17

concluir, portanto que o futuro e o passado existem na mente, como o presente. Sendo assim, passado e presente não existem de fato.

A compreensão natural do tempo garante que passado e futuro são. Tal visão é respaldada a partir da interioridade que num primeiro momento nos dá a entender que o tempo existe em três dimensões. Porém, uma investigação filosófica sobre isso mostra que passado e futuro não são.

“...Se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente.

De que modos existem aqueles dois tempos - o passado e o futuro - se o passado ainda não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade.”²⁶

A existência do futuro e do passado só existe na mente do ser que vive o presente, pois o passado já não é, pois se fosse, não seria passado, mas presente. O futuro ainda não é, pois se fosse seria presente e não futuro. Passado e futuro não são.²⁷

2.1.2 O Ser do presente

O presente é salvo, pois para que ele seja tempo tem que passar sempre para o passado. Ele não é sempre passado, mas essencialmente sempre pendente para o passado. A razão de sua existência é de que ele não mais será, mas deixará de ser no instante em que se torna presente. O presente só pode ser mostrado como tempo porque tende para o não ser. O tempo em suas três dimensões é marcado pelo não ser. O que existe então? Só o momento presente? O passado e o futuro são não ser. Se pudéssemos conceber um espaço de tempo que não fosse suscetível de ser subdividido em mais partes, por mais pequeninas que fossem, só a esse tempo poderíamos chamar de presente. Mas este voa tão

²⁶ Confissões xi, 17

²⁷ Confissões xi, 18

rapidamente que não tem nenhuma duração. Se durasse, seria dividido em passado e futuro. Logo o tempo presente não tem nenhum espaço.²⁸

2.1.3 As dimensões do Tempo

Mas nem tudo está perdido, pois afirmar o não ser do passado e do futuro põe em risco a própria existência do tempo. O tempo é um ser de razão com fundamento na realidade. As fases fenomenológicas do tempo são: o Passado, o Presente e o Futuro.²⁹ O passado é o tempo que não é mais; o futuro é o tempo que ainda não é; o presente é o tempo que é agora, mas que não será sempre. Desse modo o ser do tempo é poupado. A possibilidade do passado e do futuro deve-se à natureza daquelas coisas cujo presente é tal que não pode ser sempre presente. O seu presente passa. Se não passasse não haveria passado, se passando não se tornasse algo novo não haveria futuro. É esta a característica do presente, de passar e de vir a ser, que o distingue da eternidade.³⁰

Agostinho estuda o problema do tempo sob aspecto psicológico: como nós o aprendemos. Por isso, para ele o tempo não existe fora de nós, nem no passado e nem no futuro. Deve-se concluir disso que o passado e o futuro não existem de modo algum? Fora da mente não existe nem futuro nem passado. Deve-se concluir que o futuro e o passado existem na mente, como presente.

" Existem, pois, na minha mente esses três tempos que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras".³¹

O ser do presente é um continuado deixar de ser, um tender continuamente a não - ser. O tempo existe no espírito do homem. O presente do passado, a memória, o presente do presente, a intuição, o presente do futuro, a espera. São os tempos do espírito humano.

Se o tempo presente corre para o passado, ele pode ser percebido e sentido. Mas quando estiver no passado não poderá mais ser sentido. Por isso, devemos

²⁸ Confissões xi,20

²⁹ Ibidem xi, 15-18;20

³⁰ Ibidem xi,17

³¹ Confissões xiii,7

afirmar que só o presente existe, mas a compreensão natural quer dar lugar ao passado e futuro.

O tempo é um ser na alma do homem, pois o passado é a lembrança presente das coisas passadas, e o futuro é a expectativa de ser presente na alma do homem. Na alma humana o passado e o futuro têm seu lugar. Vejamos:

2.1.4 A medida do tempo

O tempo, por ser na alma, apenas nela, na qual ele deixa uma impressão enquanto passa, pode ser medido.

" Em ti, ó meu espírito, meço os tempos ! Não queiras atormentar-me, pois assim é. Não te perturbes com os tumultos das tuas emoções. Em ti, repito, meço os tempos. Meço a impressão que as coisas gravam em ti à sua passagem, impressão que permanece, ainda depois de elas terem passado. Meço-o a ela enquanto é presente, e não àquelas são ser produzida. É a essa impressão ou percepção que eu meço, quando meço os tempos. Portanto, ou esta impressão é os tempos ou eu não meço os tempos".³²

Deus criou tudo no mundo desde o começo, ou seja, deu ao mundo, no início, todas as virtualidades que viriam desenvolvendo e atuando na história do universo. Essas virtualidades no momento da criação são as *rationes seminales*.

Sendo assim, para Agostinho o tempo é psicológico, uma percepção de sucessão contínua no campo da consciência com aspecto de localização e de anterioridade. É a impressão do antes e do depois que as coisas gravam no espírito, o sentimento de presença das imagens que se sucedem, sucederam ou hão de suceder, referidas a uma anterioridade.

³² Confissões XI, 36

2.2 A Essência do Tempo

Salvar o ser do tempo não resolve o problema de sua compreensão. O tempo pode ser medido na memória. Mas o que é o tempo ?

O tempo implica passado, presente e futuro. O ser do presente é um continuado deixar de ser, um tender continuamente ao não ser.

“Se pudermos conceber um espaço de tempo que seja suscetível de ser dividido em mais partes, por mais pequeninas que sejam , só a esse podemos chamar tempo presente. Mas este voa tão rapidamente do futuro para o passado, que não tem nenhuma duração. Se a tivesse dividir-se-ia em passado e futuro, logo o tempo presente não tem nenhum espaço.”³³

A concepção natural do tempo segue sua estrutura fenomenal. Mas a concepção filosófica não pode aceitar isso, pois o passado e o futuro não são, enquanto que o presente é, porém imediatamente deixa de ser, não possuindo espaço. O presente é o tempo sem espaço. O presente para ser tempo necessita passar para o passado, senão seria eternidade.³⁴

Responder à pergunta sobre a essência do tempo implica em um retorno ao assunto já discutido sobre sua medida. Após explicar sobre o ser do Tempo, sua medida e dimensões, Agostinho afirma:

“Nem há tempos futuros, nem pretéritos. É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. Existem, pois , esses três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras.”³⁵

A compreensão da essência do tempo pressupõe compreendermos sua medida. O tempo é medido enquanto decorre.

“Medimos os tempos ao decorrerem.”³⁶

³³ Confissões XI,20.

³⁴ Ibidem XI,17.

³⁵ Ibidem XI,26.

³⁶ Confissões XI,27

Mas, como ser medido se o presente não tem espaço? E se tiver passado não se mede e se for futuro não existe ainda? É fato que o presente nasce naquilo que ainda não existe, atravessando aquilo que ainda carece de dimensão, para ir para aquilo que ainda não existe. Permanece ainda a questão, pois como mediremos o tempo senão no espaço? Em que espaço o tempo é medido. No futuro donde parte? Ou no passado, para onde vai?

a) O tempo não pode ser medido no futuro, mesmo que desse tenha partido, pois ainda não é.

b) O tempo não pode ser medido no presente, pois nele não tem nenhuma extensão.³⁷

c) Não pode ser medido no passado para onde parte, pois o que já não existe é imensurável.

Como podemos então medir o tempo? Seria ele medido no mundo fora do homem ou dentro do homem?

Algumas teorias foram postas na história. Alguns afirmavam que o tempo seria medido pelo movimento dos astros.³⁸ No entanto Agostinho descarta esta idéia.

“Se os astros parassem e continuasse a mover-se a roda do oleiro, deixaria de haver tempo para medir suas voltas?³⁹ Ninguém me diga, portanto, que o tempo é o movimento dos corpos celestes.”⁴⁰

Nem mesmo o movimento dos corpos poderia ser o tempo,⁴¹ mas o movimento é que ocorre no tempo.

Isso nos conduz a mais uma conclusão: o tempo não tem o lugar de sua medida fora do homem nem pelo movimento dos astros e nem pelo movimento dos corpos, mas estes se movem no tempo.

³⁷ Como medimos nós o tempo presente se não tem espaço? (Confissões XI, 27).

³⁸ Aristóteles e Zenão de Krition afirmavam que o movimento do sol é o tempo.

³⁹ Confissões XI, 29.

⁴⁰ Ibidem XI, 30.

⁴¹ Quando um corpo se move, é com o tempo que meço a duração desse movimento, desde que começou...sendo diferentes o movimento do corpo e a medida da duração do movimento, quem não vê qual deve se chamar tempo?(Ibidem XI, 31.)

O problema ainda permanece. Que o tempo dura e pode ser medido é constatado pela percepção humana, pois a longa demonstração de Agostinho em busca da medida do tempo é uma evidência de que o tempo já possui duração, que é essencial à compreensão do tempo.⁴²

Então, onde podemos medir o tempo? O homem mede os tempos, mas não sabe o que mede. Se medir o tempo em seu espírito, com o que o mede? As coisas espaciais são medidas por elas mesmas. Não poderíamos também medir o tempo com o próprio tempo? Chegamos aqui a mais um progresso.

“O tempo não é outra coisa senão uma distensão”⁴³

O tempo não é uma extensão espacial, mas uma distensão, uma dilatação. Se medir o tempo, meço na verdade alguma coisa que dele permanece. Se disser algo, antes que pronuncie a palavra minha voz é futura, sendo assim imensurável. Após ser falada não pode ser medida, pois se calou. Mas no instante em que ressoava era comensurável, pois existia uma coisa suscetível de ser medida. Porém nesses instantes não era estável, esmorecia e passava. Ao esmorecer estende-se por um espaço de tempo pretérito onde não mais seria medida. Assim ele declara.

“Medimos os tempos, mas não os que ainda não existem ou já passaram, nem os que não tem duração alguma, nem os que não tem limites. Não medimos, por conseguinte, os tempos futuros e nem os passados, nem os presentes e nem os que estão passando. Contudo medimos os tempos.”⁴⁴

Se medir o tempo, meço alguma coisa que foi gravado na minha memória.

⁴² “Confesso-vos, Senhor, que ainda ignoro o que seja o tempo. De novo vos confesso também, Senhor - isso não o ignoro - que digo estas coisas no tempo e que já há muito falo do tempo, e que esta longa demora não é outra coisa senão uma duração de tempo. (Confissões XI, 32.)

⁴³ Confissões XI, 33

⁴⁴ Ibidem XI, 34.

“Em ti ó meu espírito meço os tempos...Em ti, repito , meço os tempos. Meço a impressão que as coisas gravam em ti à sua passagem, impressão que permanece, ainda depois de elas terem passado. Meço-a a ela enquanto é presente, e não àquelas coisas que se sucederam para a impressão ser produzida. É essa impressão e percepção que eu meço, quando meço os tempos. Portanto, ou esta impressão é os tempos ou eu não meço os tempos.”⁴⁵

Quando medimos o tempo o fazemos por meio do próprio tempo no qual transcorre o movimento. O tempo é assim, uma distensão da alma, pois posso estender ou encurtar a duração das sílabas pronunciada num verso. A distensão do tempo é a distensão do espírito que estende o tempo.

“Se alguém quisesse soltar uma palavra um pouco mais longa e regulasse como pensamento a duração, esse delimitaria o espaço de tempo em silêncio”.⁴⁶

2.2.1 O Tempo e o Espírito

Na busca de explicar como o tempo passa e estende, Agostinho parte da experiência da medida do tempo. No espírito do homem três coisas nos são mostradas: a expectativa, a atenção e a memória.⁴⁷ Aquilo que o homem espera passa através do domínio da atenção para o domínio da memória.

Temos então uma explicação para a duração do tempo, pois um futuro longo é a longa expectativa do futuro. O futuro não pode ser longo , pois ele não existe ainda, mas a expectativa deste futuro é, e pode ser, longa na alma humana. O tempo passado não pode ser longo, pois não é mais; o que existe é a longa lembrança do passado. Quanto ao presente, cujo ser carece de espaço, não pode ser longo, pois não tem extensão, mas a atenção perdura e por meio dela continua a retirar-se o que era presente.⁴⁸

Quando vou dizer algo, antes de iniciar minha fala, a minha expectativa se estende a toda ela. Quando começo, minha memória dilata-se, colhendo tudo o que passa

⁴⁵ Ibidem XI, 36.

⁴⁶ Confissões XI, 37.

⁴⁷ *expectare, attendere e meminisse.*

⁴⁸ Confissões XI, 37.

da expectativa para o pretérito. A vida deste meu ato divide-se em memória e expectativa. A minha atenção está presente e por ela passa o que era futuro, para se tornar pretérito.⁴⁹ A alma detém a duração da fala e a mantém na memória.

A vida do homem é agora uma distensão.⁵⁰ O homem pode agora medir o tempo , sabendo o que faz.

CONCLUSÃO

Toda nossa experiência de vida baseia-se na suposição elementar de que o tempo pode ser dividido em passado, presente e futuro. E o ritmo incessante do tempo empurra para frente o momento atual, aquilo que chamamos agora. O tempo passa sem parar e converte o futuro em passado. O momento presente, situado no meio de ambos, é apenas um instante desprovido de extensão e espaço.

No nível psicológico, nossa experiência consciente de tempo parece estar claramente delimitada. Consideramos que os acontecimentos do mundo estão correndo e não apenas que existem. Além disso, eles ocorrem de forma ordenada. Um momento se

⁴⁹ Confissões XI, 38.

⁵⁰ Termo usado por Plotino , cuja palavra grega é *διαστασις* , no sentido de dilatação.

segue sistematicamente ao outro. É inconcebível a idéia de adormecer na terça e acordar na segunda.

Ao meditarmos sobre o tempo, temos três zonas claramente diferenciadas: passado, presente e futuro. Tudo isto é tão simples, quase banal. E, no entanto, chega a causar confusão em determinadas ocasiões.

Agostinho traça em seu trabalho um roteiro interessante. Partindo da constatação de que o tempo fenomenológico não pode ser aceito pela filosofia, busca estruturar seu conceito partindo da busca pelo ser do tempo e chega à sua essência.

Tempo não é eternidade, pois esta é atributo divino. O tempo teve sua origem com a criação, sendo propriedade da criatura e não do criador. O ser do tempo não pode ser encontrado senão na alma humana, pois as dimensões do tempo pertencem ao não-ser, exceto o presente cujo ser não possui espaço. O futuro ainda não é, e o passado já não é mais. O ser do tempo tem seu lugar na alma humana: a lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras.

Após salvar o ser do tempo, justificando a história e a previsão, Agostinho se lança em uma nova elucubração: que é o tempo? A busca por sua essência. Em toda sua procura constata que o tempo é uma distensão da alma humana. O tempo não é o movimento do corpo ou dos astros, mas estes existem no tempo. O tempo existe na alma humana, sendo uma dilatação (*distentio*). É o espírito que encurta ou alonga o tempo, onde através da expectativa, da atenção e da memória vivência os momentos de seu ser. A alma espera, dirige-se para e se recorda. Estes são os modos da alma.

Há um processo no campo de percepção do futuro e do passado que se faz pelo agora do espírito. A memória é a conservação daquilo que já não é, enquanto que a expectativa é a antecipação daquilo que não é. O tempo é, portanto uma impressão da alma.

BLOGRAFIA

1. Agostinho, Santo. Confissões.(Confessionum).São Paulo: Nova Cultural IV edição, 1987,324p.(Os Pensadores)

2. Laertios, Diorgenes. Vidas e Doutrinas de Filósofos Ilustres. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988, 361 p (Coleção Biblioteca Clássica UNB).

3. Marques, Jordino. Notas do Livro Augustinus Und Die Phanomenologische Frag Nach de Zeit (F.W. Von Hermmann) , 1992.

4. Reale, Giovanni e Antisseri, Dario. *História da Filosofia*. Barcelona : Editorial Ariel, S.A. 1983.

5. Chevallier, Jacques. *Histórias del Pensamiento*. Madrid, s/ed., 1960.

6. Agustin, San. *De Genesi Contra Manichaeos*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1965. 1ª. Edição. (Obras Completas de San Agustin, Vol. . XVII.